



|   |               |  |                     |
|---|---------------|--|---------------------|
| <b>SÉRIE/ANO: 2º</b>                      | <b>TURMA:</b> | <b>Disciplina: LITERATURA</b>                      | <b>III BIMESTRE</b> |
| <b>PROFESSORA: LÚCIA PELET - PRISCILA</b> |               | <b>CONTEÚDO :</b>                                  |                     |
| <b>ALUNO (A):</b> _____ <b>Nº</b> _____   |               | <b>PARNASIANISMO:</b><br><b>REALISMO NA POESIA</b> |                     |

### ANÁLISE DE POEMAS

OLAVO BILAC (1865-1918): em seus poemas há uma combinação da tradição clássica portuguesa com o parnasianismo francês, refundida por um ardente temperamento plástico e retórico, no qual também se destaca a perfeição formal, seja na pureza da língua seja na habilidade da versificação. Sua poesia iterativa, amplificadora, apresenta um traço subjetivo e, às vezes, luxurioso no tema do amor sensual.

#### A UM POETA (Olavo Bilac)

Longe do estéril turbilhão da rua,  
 Beditino, escreve! No aconchego  
 Do claustro, na paciência e no sossego,  
 Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego  
 Do esforço; e a trama viva se construa  
 De tal modo, que a imagem fique nua,  
 Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício  
 Do mestre. E, natural, o efeito agrade,  
 Sem lembrar os andaimes do edifício.

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,  
 Arte pura, inimiga do artifício,  
 É a força e a graça na simplicidade.

→ Desde o princípio, Bilac buscava, em sua poesia, a perfeição formal. Escrevia versos decassílabos e alexandrinos (12 sílabas poéticas) e concluía-os com “chave de ouro” (versos de grande efeito ao final de cada estrofe).

→ No poema “A um poeta”, Bilac descreve a arte de escrever um poema, mostra a necessidade de o poeta trabalhar só, isolado da multidão.

→ Tema: ofício de poeta

→ Forma: O soneto, a forma mais cultuada entre os poetas parnasianos. Os versos são tecnicamente perfeitos; há preocupação com a rima, com a medida rigorosa dos decassílabos e mesmo com a variedade rítmica.

→ 1ª estrofe: mostra que, para alcançar a forma perfeita, faz-se necessário trabalhar bem com o objeto da poesia, isto é, a palavra. Compara o poeta ao monge, pois quando está escrevendo seus versos, deve encontrar um lugar tão sossegado e silencioso como um mosteiro, pois o turbilhão da rua impede o ato de criação.

→ 2ª estrofe: o eu lírico adverte que o resultado final, isto é, o poema pronto, deve ocultar o esforço que o poeta empregou na construção dos versos. Dessa forma, o eu lírico compara a forma perfeita a de um templo grego, fazendo a ligação com os clássicos (soneto e poetas gregos).

- 3ª estrofe: a forma é tudo; o edifício não pode conter marcas do andaime: a forma perfeita deve ser leve, natural, as dificuldades de sua construção não podem ser vistas.
- 4ª estrofe: a “chave de ouro”: o belo é sinônimo de verdade; logo a forma perfeita é a única maneira de construir uma poesia bela e verdadeira. O último verso sintetiza o ideal parnasiano do culto à forma, da “arte pela arte”.
- Figuras de linguagem: ocorre uma sobriedade no uso das figuras, não só na quantidade como também na natureza delas: polissíndeto, metáfora, comparação.
- Linguagem culta e vocabulário que define o ofício do poeta e o poema.
- Metalinguagem
- Rigorosa lógica na disposição das ideias ao longo do poema.
- Rimas ricas, intercaladas e cruzadas.
- Fundamentos parnasianos: Beleza, Verdade, Arte pura. Não se propõe, nesse soneto, a meditação sobre os problemas do homem, a finalidade da poesia é a beleza que o mundo oferece.
- Crítica ao Romantismo: versos 4, 8, 9 e 10, 12.
- Enjambement (cavalgamento)

### **REMORSO (Olavo Bilac)**

Às vezes, uma dor me desespera...  
 Nestas ânsias e dúvidas em que ando.  
 Cismo e padeço, neste outono, quando  
 Calculo o que perdi na primavera.

Versos e amores sufoquei calando,  
 Sem os gozar numa explosão sincera...  
 Ah! Mais cem vidas! com que ardor quisera  
 Mais viver, mais penar e amar cantando!

Sinto o que desperdicei na juventude;  
 Choro, neste começo de velhice,  
 Mártir da hipocrisia ou da virtude,

Os beijos que não tive por tolice,  
 Por timidez o que sofrer não pude,  
 E por pudor os versos que não disse!

a) Comente a afirmativa: Olavo Bilac se propõe a preservar um estilo rígido na construção dos poemas e busca na métrica e na estrofação uma regularidade clássica e precisa.

b) Embora seja conhecido como “O príncipe dos poetas”, Bilac às vezes vai além do Parnasianismo e das leis da forma, apresenta-se com temas variados em poemas que esbarram no lirismo amoroso e na subjetividade, mostrando suas mais diversas faces.

Em relação aos poetas parnasianos serem considerados “impassíveis”, objetivos, declaradamente anti-românticos, o próprio poeta afirmou:

**“Aos chamados poetas parnasianos também se deu outro nome: ‘impassíveis’. Quem pode conceber um poeta que não seja suscetível de padecimento? Ninguém e nada é impassível: nem sei se as pedras podem viver sem alma. Uma estátua, quando é verdadeiramente bela, tem sangue e nervos”.**

Comprove essas afirmações a partir de elementos presentes no soneto Remorso.

## VILA RICA (Olavo Bilac)

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;  
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que a ambição  
Na torturada entranha abriu da terra nobre:  
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre.  
O último ouro do sol morre na cerração.  
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,  
O crepúsculo cai como uma extrema unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece  
Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...  
A neblina, roçando o chão, cicia, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...  
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...  
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

Curiosidade: Vila Rica, no século XVIII, era a antiga denominação da cidade de Ouro Preto, cujo desenvolvimento deveu-se à mineração, principalmente, em torno das igrejas e confrarias. Essa corrida pelo ouro provocou um aumento populacional, inclusive, com a afluência de artistas e artesãos europeus contratados para construir monumentos, especialmente, igrejas que marcavam o súbito enriquecimento da região.

a) É possível identificar um ponto de vista pessimista do eu lírico em relação à extração de ouro em Vila Rica?

Justifique sua resposta

b) O que as reticências podem indicar na última estrofe?

c) Explique qual o sentido que o uso da figura de linguagem – personificação - pode alcançar na primeira estrofe.

d) Identifique um verso com o uso de hipérbato e coloque-o na ordem natural.

e) Justifique o uso intensivo dessa figura de linguagem pelos poetas parnasianos.

f) Analise o vocabulário e circule as expressões descritivas.

## LÍNGUA PORTUGUESA (Olavo Bilac)

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela  
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

### ANALISE:

- Tema
- Linguagem e rimas
- Uso do vocativo
- Termos de enaltecimento à língua
- Termos que contradizem esta
- Figuras de linguagem
- Usos grandiosos da língua

ALBERTO DE OLIVEIRA (1857-1937): grande leitor dos clássicos, conhecedor da língua, mestre da versificação, é considerado o mais perfeito, o mais característico dos parnasianos brasileiros. Sua sobriedade e raro rebuscamento na linguagem reforçam o seu descompromisso com o existencial, embora se note uma tentativa de deslocar os sentimentos vagos para uma visão do real.

### **CRESCENTE DE AGOSTO (Alberto de Oliveira)**

Alteia-se no azul aos poucos o crescente  
O ar embalsama, os cirros leva, o escuro afasta;  
Vasto, de extremo a extremo, enche a alameda vasta  
E emborca a urna de luz nas águas da corrente.

Na escumilha da teia, onde a aranha indolente  
Dorme, feita de orvalho, uma pérola engasta.  
Faz aos lírios mais branca a flor cetínea e casta,  
Mais brancos os jasmins e a murta redolente.

Faz chorar um violão lá não sei onde... (A ouvi-lo  
Na calada da noite, um não-sei-quê me invade)  
Faz que haja em tudo um como estranho espasmo e enlevo;

Faz as cousas rezar, ao seu clarão tranquilo,  
Faz nascer dentro em mim uma grande saudade,  
Faz nascer da saudade estes versos que escrevo.

- Forma
- Conteúdo

### **VASO CHINÊS (Alberto de Oliveira)**

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o  
Casualmente, uma vez, de um perfumado  
Contador sobre o mármore lúcido,  
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado  
Nele pusera o coração doentio  
Em rubras flores de um sutil lavrado,  
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura –  
Quem o sabe? – de um velho mandarim  
Também lá estava a singular figura:

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a  
Sentia um não sei quê com aquele chim  
De olhos cortados à feição de amêndoa.

- Tema
- Forma
- Conteúdo

**ÚLTIMA DEUSA (Alberto de Oliveira)**

Foram-se os deuses, foram-se, em verdade;  
Mas das deusas alguma existe, alguma  
Que tem teu ar, a tua majestade,  
Teu porte e aspecto, que és tu mesma, em suma

Ao ver-te com esse andar de divindade,  
Como cercada de invisível bruma,  
A gente à crença antiga se acostuma,  
E do Olimpo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,  
O alvo colo onde, em quedas de ouro tinto,  
Rútilo rola o teu cabelo esparso...

Pisas alheia terra, essa tristeza  
Que possuis é de estátua que ora extinto  
Sente o culto da forma e da beleza.

- a) Em comparação ao Romantismo, como se dá, no poema, a discussão sobre a essência feminina?
- b) Em que se baseia a descrição da mulher neste poema?
- c) Localize o paradoxo sobre a figura feminina existente no poema.

RAIMUNDO CORREIA (1860-1911): demonstrou o mais profundo desencanto e percepção negativa do mundo, nos quais se vê facilmente um poeta filósofo em meditações desencanadas.

### **FETICHISMO (Raimundo Correia)**

Homem, da vida as sombras inclementes  
Interrogas em vão: - Que céus habita  
Deus? Onde essa região de luz bendita,  
Paraíso dos justos e dos crentes?...

Em vão tateiam tuas mãos trementes  
As entranhas da noite erma, infinita,  
Onde a dúvida atroz blasfema e grita,  
E onde há só queixas e ranger de dentes...

A essa abóbada escura, em vão elevas  
Os braços para o Deus sonhado, e lutas  
Por abarcá-lo; é tudo em torno trevas...

Somente o vácuo estreitas em teus braços;  
E apenas, pálido, um ruído escutas,  
Que é o ruído dos teus próprios passos!...

### **AS POMBAS (Raimundo Correia)**

Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas  
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
Ruflando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, céleres voam,  
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,  
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,  
E eles aos corações não voltam mais...

Tema: natureza

Culto à forma, rimas ricas, correção gramatical, uso de palavras raras, inversão frasal, predileção pelo soneto, sonetos terminados com “chave de ouro” (verso com um final bem escrito, procurando condensar uma ideia e arrematando o poema com um belo efeito. *Exemplo:* “E eles aos corações não voltam mais...”)

O eu-lírico faz a alusão aos sonhos dos adolescentes, que também voam, mas ao contrário das pombas que retornam todos os dias aos pombais, os sonhos não voltam, quando o jovem cresce e vai descobrindo as realidades da vida, e por conta disso muitas vezes não se há mais nem se quer tempo de sonhar ou concretizar os sonhos, por isso ele diz “aos corações não voltam mais”.

## **A CAVALGADA (Raimundo Correia)**

A lua banha a solitária estrada.  
Silêncio! ... Mais além, confuso e brando,  
O som longínquo vem se aproximando  
Do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;  
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando,  
E as tropas a soar vão agitando  
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...  
Da cavalgada o estrépito que aumenta  
Perde-se após no centro da montanha.

E o silêncio outra vez soturno desce...  
E límpida, sem mácula, alvacenta,  
A lua a estrada solitária banha...

→ Rigidez gramatical, forma clássica, mas uma ambientação romântica



FRANCISCA JÚLIA (1871-1920): Sua poesia traz a mais estrita impessoalidade, revelando-se puramente objetiva, em que não palpita nenhum estilo interior, mas em que se modela e se fixa o relevo, a cor, o movimento das formas externas. Em certos momentos, manifesta um raro poder de sonoridade e vigor à língua, imprimindo aos versos uma estrutura que não se apoiava na emoção, mas na própria força e rigor da expressão.

### **PAISAGEM (Francisca Júlia)**

Dorme sob o silêncio o parque. Com descanso,  
Aos haustos, aspirando o finíssimo extrato  
Que evapora a verdura e que deleita o olfato,  
Pelas alas sem fim das árvores avanço.

Ao fundo do pomar, entre as folhas, abstrato  
Em cismas, tristemente, um alvíssimo ganso  
Escorrega de manso, escorrega de manso  
Pelo claro cristal do límpido regato.

Nenhuma ave sequer sobre a macia alfombra  
Pousa. Tudo deserto. Aos poucos escurece  
A campina, a rechã sob a noturna sombra.

E enquanto o ganso vai, abstrato em cismas, pelas  
Selvas adentro entrando, a noite desce, desce...  
E espalham-se no céu camândulas de estrelas...

### **A FLORISTA (Francisca Júlia)**

Suspensa ao braço a grávida corbelha,  
Segue a passo, tranquila... O sol faísca...  
Os seus carmíneos lábios de mourisca  
Se abrem, sorrindo, numa flor vermelha.

Deita à sombra de uma árvore. Uma abelha  
Zumbe em torno ao cabaz... Uma ave, arisca,  
O pó do chão, pertinho dela, cisca,  
Olhando-a, às vezes, trêmula, de esguelha...

Aos ouvidos lhe soa um rumor brando  
De folhas... Pouco a pouco, um leve sono  
Lhe vai as grandes pálpebras cerrando...

Cai-lhe de um pé o rústico tamanco...  
E assim descalça, mostra, em abandono,  
O vultinho de um pé macio e branco.

→ mesmo com técnicas parnasianas, como *enjambement* evidentes (segundo verso da primeira estrofe), há um *descriptivismo-sugestivo*, indo em um caminho totalmente contrário ao da "arte pela arte".

## CONTEXTUALIZAÇÃO

### **OS SAPOS (Manuel Bandeira)**

[...]  
O sapo-tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
Diz: - "Meu cancionero  
É bem martelado.

Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos.

O meu verso é bom  
Frumento sem joio.  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos  
Que lhes dei a norma:  
Reduzi sem danos  
A fôrmas a forma.

Clame a saparia  
Em críticas cétricas:  
Não há mais poesia,  
Mas há artes poéticas..."  
[...]

### **POÉTICA (Manuel Bandeira)**

Estou farto do lirismo comedido  
Do lirismo bem comportado  
Do lirismo funcionário público com livro de ponto  
expediente  
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.  
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no  
dicionário  
o cunho vernáculo de um vocábulo.  
Abaixo os puristas  
Todas as palavras sobretudo os barbarismos  
universais  
Todas as construções sobretudo as sintaxes de  
exceção  
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis  
Estou farto do lirismo namorador  
Político  
Raquítico  
Sifilítico  
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja  
fora de si mesmo  
De resto não é lirismo  
Será contabilidade tabela de co-senos secretário  
do amante  
exemplar com cem modelos de cartas e as  
diferentes  
maneiras de agradecer às mulheres, etc  
Quero antes o lirismo dos loucos  
O lirismo dos bêbedos  
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos  
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é  
libertação.

- Forma
- Tema
- Ponto de vista e estilo do poeta